



## Contação de histórias e a identidade feminina

### *Storytelling and Women's Identity*

Mônica de Santana Dias\*  
*Universidade do Estado da Bahia*  
Salvador, Bahia, Brasil

Terezinha Oliveira Santos\*  
*Universidade do Estado da Bahia*  
Barra, Bahia, Brasil

**Resumo:** Este trabalho tem como objetivo compreender a relação entre a identidade feminina apresentada nos contos feministas e as ideias difundidas pelo feminismo da primeira onda. Tendo em vista que, os contos são inspirados pela realidade cultural e social dos povos, colaborando para/ na formação de identidades culturais e a contação de história, como uma arte de difusão de valores, favorece a transmissão de conhecimentos sobre a realidade da mulher em diferentes civilizações colaborando para a conscientização e o sentimento de pertencimento dos ouvintes. Por isso, neste estudo procura-se, de uma forma breve, entender como a contação de história através dos contos pode colaborar para uma nova perspectiva com relação à posição feminina na sociedade, por meio dos estudos da identidade cultural de Hall (2005), dos saberes sobre contação de história com Sisto (2005) e Pinto (2010) que trata do feminismo entre outros autores que abordam o tema proposto.

**Palavras-Chave:** Contação de história. Feminismo. Identidade. Cultural.

**Abstract:** This paper aims to understand the relationship between female identity presented in feminist tales and the ideas spread by first wave feminism. Given that the tales are inspired by the cultural and social reality of peoples, contributing to the formation of cultural identities and storytelling as an art of diffusion of values favors the transmission of knowledge about the reality of women in different civilizations collaborating. For the awareness and sense of belonging of the listeners. Therefore, this study seeks to briefly understand how storytelling through tales can contribute to a new perspective regarding the feminine position in society, through the studies of Hall's cultural identity (2005), from the knowledge about storytelling with Sisto (2005) and Pinto (2010) that deals with feminism among other authors who address the proposed theme.

**Keywords:** Storytelling. Feminism. Identity. Cultural.

---

\* Graduada em Pedagogia. Campus I, Salvador – Universidade do Estado da Bahia. Membro do grupo de pesquisa e Estudo em Leitura e Contação de Histórias - GPELCH e do grupo de pesquisa Formacçãoinfância, Linguagens e EJA – FORINLEJA. E-mail: monicasdias2009@hotmail.com.

\* Professora Permanente do Programa de Pós-Graduação em Ciências Humanas e Sociais (PPGCHS) - Centro das Humanidades (CEHU) - Universidade Federal do Oeste da Bahia –Membro do Grupo de Pesquisa Corpus Possíveis- Campus Reitor Edgard Santos-Barreiras-Universidade Federal do Oeste da Bahia. E-mail:terezinha.santos@ufob.edu.br

## 1 INTRODUÇÃO

Este estudo foi escrito durante o período de participação na disciplina do mestrado intitulada: contação de história e a constituição de sujeito leitor do Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade-PPGEduC da Uneb. Neste trabalho, busca-se compreender a construção da identidade feminina através da contação de história, a partir das narrativas que apresentam as mulheres na posição de heroínas e protagonista, postura diferenciada daquelas dos contos tradicionais europeus, tendo em vista que os estereótipos de personagens femininos apresentados no estudo têm uma ligação com as ideologias propostas pelo movimento feminista, em especial, o da primeira onda do feminismo.

Nesses contos, o gênero feminino tem uma posição de protagonismo e autonomia, trazendo uma ruptura com a imagem indefesa e de fragilidade, culturalmente determinada para as mulheres por séculos. Para isso, tem-se a discussão acerca da contação de história, da identidade cultural, uma breve abordagem sobre o movimento feminista e a representação das mulheres nos contos. Tratando os temas a partir de pesquisa bibliográfica, tendo como base os estudos de Hall (2005), Sisto (2005), Abramovich (2012), Andruetto (2012), Candido (2011), Pinto (2010) e outros estudiosos dos temas.

A seguir, após discussões teóricas, são apresentados dois contos da obra “Chapeuzinho Esfarrapada e outros contos feministas do folclore mundial”, da autora Ethel Johnston Phelps (2016), com o objetivo de descrever a representação feminina das personagens dos contos e a relação com as ideias abordadas pelo movimento feminista na primeira onda. Para alcançar o objetivo, foi necessário estudar sobre a contação de história e a construção da identidade cultural, especialmente a feminina, a partir daquela etapa do movimento e seu desdobramento. Com base nos estudos, procurou-se descrever as personagens femininas apresentadas nos três contos que têm registro com datação do século XIX.

## 2 CONTANDO HISTÓRIAS E IDENTIDADE CULTURAL

Contar histórias é uma arte que conduz o ouvinte a um mundo de fantasia e imaginação, no qual se pode vivenciar e conviver com diferentes seres sobrenaturais, como os gigantes, as fadas, as princesas e rainhas, os reis e príncipes além de outras criaturas que povoam os contos de fadas e folclóricos em quaisquer tempos e espaços, sendo um momento lúdico para todas as idades, porque durante a narrativa as “crianças se encantam com o possível e o impossível. Os adultos se encantam em vislumbrar um caminho que lhes devolva o sonho” (SISTO 2005, p.02).

Nesse sentido, Abramovich (2009, p.17) diz que é ouvindo histórias “que se podem descobrir outros lugares, outros tempos, outros jeitos de agir e de ser, outra ótica”, porquanto nesse momento o ouvinte pode dar espaço para imaginação, partindo para aventuras, conhecendo costumes e observando paisagens de outros sujeitos, em um

trajeto pela história, porque “uma narrativa é uma viagem que nos remete ao território de outro ou de outros”, concordando com Andruetto (2012, p.54), ampliando a visão de mundo, desfazendo preconceitos, quebrando estigmas e discriminações.

Isso é possível, porque as narrativas orais trazem personagens que vivenciam situações cotidianas e os ouvintes, como coautores, desenvolvem essas histórias em suas mentes e criam sentimentos de empatia pelos sujeitos dos contos, o que evidencia o papel humanizador da literatura, como é referido por Candido (2011, p.179) (grifo do autor), ao dizer que “Toda obra literária é antes de mais nada uma espécie de objeto, objeto construído; e é grande o poder humanizador desta construção, *enquanto construção*”, contribuindo para constituição dos sujeitos.

Assim, as narrativas são construídas ao longo do tempo pela humanidade, sendo carregadas de influências culturais, ideológicas e sociais das comunidades das quais se originou e aqueles que ouvem as histórias, não somente escutam uma narração de um conto, mas tendem a refletir em posições ideológicas, políticas e culturais trazidas pela literatura oral e pelos contadores que também se constituem sujeitos através da história. E é pensando nos sujeitos contadores que Sisto (2012) evidencia que existem os sujeitos portadores de história que são aqueles que trazem as histórias dos outros e os sujeitos narradores que aprenderam a pensar sua própria história.

Por isso, para se escolher uma história, o contador ou contadora olha para dentro de si mesmo e para sua história de vida, pois elas influenciam no que irá narrar para os ouvintes, porque, de acordo com Sisto (2012, p.83), “a vida se organiza como uma história, tem um fio condutor, uma linha temporal e evolutiva”, uma vez que as histórias escolhidas vêm de seu repertório de experiência, influenciados por suas crenças, costumes, desejos entre outros modos de ver e viver seu cotidiano. Todavia essas escolhas literárias influenciam nas ideias que os ouvintes das histórias podem ter de determinados sujeitos ou grupos.

Pensando dessa maneira, o ato de contar histórias tem um papel de destaque na transmissão de valores e comportamentos de sujeitos, essa última ainda é mais forte quando se trata do gênero feminino que nas histórias são personagens recorrentes e importantes, como nas figuras das rainhas, princesas, madrastas, mães, avós, bruxas, fadas, entre outras. No entanto, na maioria dessas histórias, geralmente, nos contos tradicionais, a mulher, protagonista da história, é retratada como uma donzela indefesa, que precisa da proteção de alguém para viver e sobreviver na sociedade.

Essa ideia de fragilidade determinada, culturalmente para o gênero feminino, por um sistema conservador e desigual, está sendo repensada para os contos, uma vez que a ideia de se ter mulheres como protagonistas de suas vidas, de suas histórias e das histórias fazem parte das lutas e conquistas das mulheres e seus movimentos. Os contos feministas, embora tragam enredos semelhantes aos contos de fadas tradicionais, retratam as mulheres em posturas decididas, ativas e autônomas.

Apesar dos contos feministas serem pouco populares entre as comunidades ocidentais, já existem há séculos em outras civilizações. Isto significa que, o ouvinte ao escutar narrativas em que o gênero feminino assume uma posição de autonomia, pode

pensar no contexto social a partir das histórias, da identificação com os personagens, construindo sua própria visão e identidade cultural.

Para falar das identidades culturais, Hall (2005, p. 08) diz que são “aqueles aspectos de nossas identidades que surgem de nosso ‘pertencimento’ às culturas étnicas, raciais, lingüísticas, religiosas e, acima de tudo, nacionais” (sic). Ainda para esse autor, o conceito de identidades é um assunto complexo, tendo em vista que o estado de pertencimento a um determinado grupo vem se modificando e essas mudanças nas estruturas sociais estão contribuindo para uma descentralização dos sujeitos, sendo que esses deslocamentos social, cultural e do próprio sujeito têm ocasionado uma “crise de identidade”, pois

Um tipo diferente de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas no final do século XX. Isso está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais. Estas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais (...). (HALL, 2005, p. 09).

Entre essas crises de identidade social e cultural provocadas pela descentralização dos sujeitos, Hall (2005) evidencia o feminismo como um movimento social que luta pelo direito das mulheres, defendendo a identidade social desse grupo. O feminismo politizou o processo de subjetividade, identidade e identificação da mulher, a qual passa a se ver como sujeito de seu corpo, sexualidade e de sua própria vida (BARBOSA, 2009), rompendo com padrões estabelecidos pela sociedade que tinha ou ainda tem um olhar subalterno com relação às mulheres nos espaços públicos da sociedade.

Para Hall (2005), o movimento feminista descentraliza os sujeitos envolvidos, a partir do momento em que rompe com o sujeito sociológico, esse construída sua identidade em interação com outras identidades culturais provedoras dos valores que deveriam ser vivenciados culturalmente. Essa ruptura com a identidade sociológica se deu a partir do conflito com valores e símbolos impostos pela sociedade para as mulheres quando elas assumem uma posição política que influencia seus pensamentos e comportamentos, possibilitando os debates sobre a mulher, as questões de gênero e de sexualidade. Como é dito por Hall (2005, p. 49-50), o movimento feminista

enfaticamente, como uma questão política e social, o tema da forma como somos formados e produzidos como sujeitos generificados. Isto é, ele politizou a subjetividade, a identidade e o processo de identificação (como homens/mulheres, mães/pais, filhos/filhas). Aquilo que começou como um movimento dirigido à contestação da posição social das mulheres, expandiu-se para incluir a formação das identidades sexuais e de gênero.

Portanto, essa ruptura com o passado, através dos movimentos de luta feministas, contribuiu para que as mulheres assumissem novas posições na sociedade, embora ainda seja evidente a discrepância de oportunidades entre os gêneros feminino e masculino e as exigências de comportamentos tradicionais para as mulheres ainda na contemporaneidade.

Entretanto, os contos de feministas e folclóricos, assim como os contos tradicionais podem ampliar as discussões acerca do papel e importância da mulher

autônoma e politizada dentro e fora dos espaços públicos. Essas ideias foram construídas a partir das atividades de lutas das mulheres na primeira onda do movimento feminista para conquista do direito à educação, à propriedade, contra o casamento arranjado e o voto como cidadãs da sociedade em que viviam.

Entre as obras que trazem contos feministas e que evidenciam o protagonismo feminino, temos “Chapeuzinho Esfarrapada e outros contos feministas do folclore mundial”, da autora Ethel Johnston Phelps, em que as mulheres assumem o papel de heroínas nas relações amorosas e familiares dentro e fora do lar. Pode-se pensar nesses contos como uma alusão às lutas das mulheres contra a cultura de opressão imposta pelos sistemas conservadores ao gênero feminino. Nessas histórias com princesas, príncipes, reis, rainhas e seres sobrenaturais, as personagens se sobressaem quando tomam decisões que mudam o destino determinado para suas vidas, realizando atos para salvar seus companheiros, irmãs, reis e príncipes de situações desfavoráveis.

Diante disso, percebe-se que os contos de fadas e os folclóricos têm uma função fundamental na ação de difusão de costumes, tradições, valores e conhecimentos, porquanto a literatura oral faz parte do desenvolvimento humano e social, contribuído para se pensar nos comportamentos e posições dos sujeitos na sociedade, principalmente quando se trata do gênero feminino e seus movimentos de luta.

### **3 CONTOS E INTERFACES COM O MOVIMENTO FEMINISTA**

Os contos tradicionais trazem diferentes contextos, fantasia, aventuras e personagens que sobrevivem até os dias atuais, nessas histórias podem ser encontrados variados temas que influenciam a vida dos sujeitos ouvintes, dentre esses assuntos se tem as construções de gêneros com a apresentação dos príncipes e das princesas, dos reis e das rainhas, das fadas e bruxas entre outros personagens que povoam o mundo maravilhoso da imaginação. Esses contos tradicionais de outras épocas, ainda mantêm seu espaço na contemporaneidade, como é evidenciado por Corso e Corso (2006, p.20)

Embora muita coisa tenha mudado no reino dos homens, parece que certos assuntos permaneceram reverberando através dos tempos. Por exemplo, os temas do amor, das relações familiares e da construção das identidades masculina e feminina ainda podem se inspirar em narrativas muito antigas. Essas velhas tramas devem ter achado razões para existir em tempos tão distintos, senão teriam perecido (CORSO e CORSO, 2006, p. 20).

Nas construções das identidades femininas, a representação das mulheres nos contos de fadas mais conhecidos é daquelas que sempre estão à espera de alguém para resgatá-las de algum perigo, seja de um feitiço lançado por alguém ou de outros seres sobrenaturais. Os personagens dos contos tradicionais reforçam os estereótipos de fragilidade direcionados ao gênero feminino, uma vez que esses personagens apresentam a submissão e a beleza como atributos de comportamentos para a mulher.

Nos contos tradicionais, a mulher/menina de comportamento ideal para os padrões sociais são aquelas representadas como personagens sensíveis e amáveis em: a

Cinderela, Bela Adormecida, Chapeuzinho Vermelho que precisam da proteção de alguém para sobreviver no mundo. As mulheres que representam a bruxa nos contos trazem quase sempre uma aparência hedionda, o que para Abramovich (2009, p.36), significa que esse tipo de estereótipo não mostra as características de um ser “misterioso, enigmático, que conhece e domina outros saberes, que pode até ser muito sedutores e atraentes (e por isso perigosa e ameaçadora)”, comportamentos que não são bem vistos pela sociedade para uma mulher. Outros personagens do gênero feminino lembram a proteção materna como às fadas ou malvadeza como as madrastas.

Ao refletir nos perfis determinados para as princesas e mocinhas dos contos de fadas mais populares, nota-se que as características de comportamentos ideais se repetem e são as que mais se difundiram ao longo do tempo em diferentes sociedades. Sendo que é na literatura “que se confiam os diferentes imaginários, as diferentes sensibilidades, valores e comportamentos através dos quais uma sociedade expressa e discute, simbolicamente, seus impasses, seus desejos suas utopias” (LAJOLO, 2000, p. 76) e, diante disso, entende-se que os contos tradicionais são influenciados pelas questões culturais e sociais de determinadas épocas.

No entanto, existem contos de diferentes civilizações que mostram características femininas opostas aos modelos de comportamentos apresentados nos contos de fadas tradicionais e abrem espaço para contos que retratam as meninas/mulheres espertas, inteligentes e corajosas, com princesas que decidem seus destinos entre outros atos, mostrando que as mulheres podem ser autônomas e empoderadas. Esses atributos femininos podem ser encontrados em personagens nos contos feministas, como na obra de Phelps (2016), sendo que esse desejo de autonomia e emancipação feminina remete a comportamentos expressos pelas mulheres dos movimentos feministas.

Essa mudança de postura e comportamento feminino rompe com o conceito que foi construído social e historicamente que posicionava a mulher como um sujeito a margem das decisões do país e de sua própria vida, sendo submetidas aos padrões culturais determinados por outros sujeitos, que objetivava manter as mulheres dentro dos espaços domésticos e privados, por serem consideradas de natureza frágil e de pouca intelectualidade e, portanto, incapacitadas para as decisões políticas.

Como consequência dessa ruptura e emancipação feminina surgiu o movimento feminista que foi dividido historicamente em três momentos, chamados de “ondas”. O momento de atividade mais intensa da primeira onda feminista teve como objetivo as conquistas políticas e educacionais entre outras questões, mas o maior destaque foi à luta pelo direito ao voto com as *sufragistas*; na segunda onda as mulheres lutavam pela igualdade cultural, social e política para além do sufrágio e na terceira onda o movimento buscou uma avaliação interna do feminismo, uma vez que cada grupo de mulheres tem suas peculiaridades. Sendo que, o movimento feminista surge para que as mulheres tenham “liberdade e autonomia para decidir sobre sua vida e seu corpo” (PINTO, 2010, p.16).

A partir dessa ideia, percebe-se que as mulheres da primeira onda feminista questionavam a falta de igualdades jurídicas, de liberdade para estudar, trabalhar e de direitos políticos, como ato de votar em seus representantes, sobre essas questões Marques (2015, p.12) diz que,

Essa “primeira onda” do feminismo, mais conhecida como feminismo igualitarista, tem basicamente como característica a reivindicação do direito de cidadania às mulheres. Ser cidadã implicava ser uma mulher instruída: saber ler, escrever, ter frequentado escola; além de ter direito à vida pública, como trabalhadora remunerada.

Diante do exposto, nota-se que as mulheres na primeira onda começam a repensar sua situação na sociedade rompendo com estruturas sociais que determinavam um padrão de vida, estereótipo e comportamental. Assim sendo, a primeira onda do feminismo será ressaltada neste trabalho, tendo em vista a análise dos contos com datação de publicação nesse período, uma vez que foi um momento histórico que marcou as reivindicações das mulheres por direitos civis, políticos, mas também pela educação entre outras lutas que teve uma relação forte com a opressão imposta pelo sistema conservador que excluía as mulheres das decisões públicas. Sendo que, as insatisfações das mulheres com essa situação de exclusão inspiraram escritoras, educadoras e outras mulheres muito antes da primeira onda feminista.

Entretanto, mesmo existindo movimentos de mulheres em prol da cidadania feminina, pode-se dizer que foi a partir da promulgação de igualdade de direitos sociais, políticos e de liberdade declarados no período da Revolução Francesa para os cidadãos que ficou mais evidente a situação de desigualdade entre homens e mulheres na sociedade, pois esses direitos declarados não eram direcionados às mulheres. Assim, foi diante desse cenário de desigualdade que se ampliou o pensamento sobre a situação de exclusão da mulher/cidadã. Como consequência desses momentos de reflexões se desenvolveram os movimentos feministas, que lutavam, inicialmente por direito ao voto, como uma forma de adentrar nos espaços públicos reservados somente aos homens e assim ter condições de expressar suas opiniões, ter direito à liberdade civil entre outros. Para tal,

O feminismo, de modo geral, buscou, desde o início, a análise do fenômeno do patriarcalismo, denunciando as opressões, as construções históricas, as possibilidades de libertação, percebendo-o principalmente como um sistema de relações dominantes que impõe um padrão de valores e de comportamentos à sociedade (MONTEIRO; GRUBBA, 2017, p. 266).

Percebe-se que o feminismo, naquela época, questionava as relações de dominação imposta pelo sistema patriarcal que determinava um modelo de valores e comportamentos para as mulheres viverem em sociedade, visualizando o gênero feminino como um ser frágil, pouco intelectualizado e por causa dessas condições incapaz de eleger representantes e representar a si mesmo. Com isso, as necessidades e opiniões das mulheres foram ignoradas através do desenvolvimento de argumentos médicos que inferiorizavam a mulher de maneira física e intelectual, com esses discursos, as mulheres eram mantidas afastadas dos espaços públicos, das decisões políticas e confinadas à vida privada e aos trabalhos domésticos.

Contudo, pode-se dizer que esse olhar de inferiorização sob a mulher não se reproduzia em todas as civilizações, porque havia povos em que as mulheres tinham participação nas decisões sobre sua vida e essa postura autônoma e ativa influenciavam nas histórias que são contadas de geração a geração, como nos contos feministas e folclóricos.

Ainda que o movimento feminista tenha sido dividido em três ondas durante seu desenvolvimento nas sociedades, neste trabalho se focou na primeira onda do feminismo que ocorreu no final do século XIX, que representava um período de reivindicações por igualdades de oportunidades dentro da sociedade, sendo assim, ao analisar a obra “Chapeuzinho Esfarrapada e outros contos feministas do folclore mundial”, percebe-se que alguns contos têm a data de publicação entre o século XIX e início do século XX, período histórico marcado pela primeira onda do movimento feminista.

Por isso, neste trabalho se investiga a relação entre a representação feminina nos contos, a partir dos estudos da identidade cultural baseada nas ideias do movimento feminista da primeira onda. Para tal, apresentam-se dois contos da obra “Chapeuzinho Esfarrapada e outros contos feministas do folclore mundial” da autora Ethel Johnston Phelps, os quais têm registros datados do século XIX, período de consolidação do movimento feminista nos países europeus, mas que posteriormente alcançaram as mulheres dos países da América Latina com a luta *sufragista*, a fim de compreender a relação entre a identidade feminina apresentadas nos contos e aspectos defendidos pelo movimento feminista da primeira onda.

#### **4 RESULTADOS PARCIAIS: APRESENTAÇÃO DAS PERSONAGENS FEMININAS**

Os contos feministas têm pontos de semelhança com os contos tradicionais, como os enredos românticos e os ambientes medievais. Por isso neste estudo, o critério de escolha das narrativas se deu devido ao enredo e a ambiência dos contos, além dos registros datados no século XIX período de efervescência da primeira onda do feminismo, “quando as mulheres, primeiro na Inglaterra, organizaram-se para lutar por seus direitos” (PINTO, 2010, p.15).

Assim entre contos destacados, tem-se a primeira personagem evidenciada por Phelps (2016, p. 27-36), a qual intitula o livro que é a princesa Chapeuzinho Esfarrapada que busca a emancipação e rompe com os padrões estéticos determinados para uma princesa, sendo constantemente criticada pela atitude, já a segunda história Phelps (2016, p. 74-82) apresenta Kate Quebra Nozes, filha de uma nobre, que decide sair de seu reino a procura de fortuna e da cura para a irmã Anne filha do rei. A seguir, serão apresentadas as duas histórias sob as perspectivas dos ideais do movimento feminista, em sua primeira onda.

**CHAPEUZINHO ESFARRAPADA:** era uma princesa nada convencional, nasceu montada em um bode, segurando uma colher de madeira e foi considerada estranha quando comparada a sua irmã gêmea que nasceu linda e doce. A personagem Chapeuzinho Esfarrapada tinha características fortes, era barulhenta e bruta além de vestir-se com roupas esfarrapadas. Durante a invasão de trolls, seres fantásticos dotados de força e magia, ao palácio, a Irmã de Chapeuzinho teve a cabeça arrancada e substituída por uma de bezerro. Depois desse episódio, Chapeuzinho Esfarrapada decidiu viajar sozinha, mesmo quando seu pai insistiu para que um marinheiro dirigisse seu navio, a



jovem recusou e foi em busca da cabeça da irmã navegando até a terra dos trolls. Após conseguir o que desejava as irmãs decidiram navegar pelo mundo.

Na história da princesa Chapeuzinho Esfarrapada, que foi registrada no século XIX, tem-se uma personagem com poder de decisão e que rompe com padrões de beleza estabelecidos socialmente. Nesse conto, há comportamentos de confiança e independência demonstrados pela protagonista, que se esforça para conquistar os objetivos através da sua inteligência, persistência e força física que refletem a luta de mulheres, em especial da primeira onda do feminismo, para poderem participar dos espaços públicos, tendo o poder de decisão sobre suas vidas e escolhas, como referência a busca por liberdade de escolha, por direito a educação, ao voto e à propriedade de seus bens como faziam as mulheres do movimento feminista.

**KATE QUEBRA-NOZES:** Esta história apresenta duas meninas que se conheceram a partir da união dos pais Anne, filha do rei e Kate, filha de uma nobre. As duas gostavam uma da outra, mas a rainha teve ciúmes de Anne e enfeitiçou a enteada, logo sua filha Kate resolveu se aventurar em busca de fortuna e levou a irmã de consideração com ela. Depois de andar muito, as irmãs chegaram a um castelo em que havia um príncipe muito doente e o rei estava oferecendo recompensa para quem conseguisse a cura de seu filho. Kate se interessou pela fortuna e resolveu descobrir o motivo da doença incurável do príncipe e, para isso, passou a noite em seu quarto até descobrir que o rapaz foi enfeitiçado por fadas. Ao segui-lo durante três noites até o reino das fadas, sempre colhendo nozes no caminho, a jovem utilizou sua inteligência e esperteza para conseguir os objetos para desfazer o feitiço da irmã e do príncipe e tudo terminou com um grande banquete.

Nessa história, que foi registrada também no século XIX, a personagem contraria a ideia de permanência no castelo à espera do príncipe e de enriquecimento e sai em busca de sua meta, por meio de esforços conseguiu a sua fortuna e a cura da irmã, essa atitude da personagem remete ao anseio das mulheres da primeira onda em participar de espaços públicos, como o mercado de trabalho de forma igualitária e as escolas.

Este conto revela uma personagem de comportamento ativo e responsável perante os problemas que surgem e como ela, com inteligência e coragem, resolve toda a situação conflituosa com perspicácia, diante disso, ao fazer uma relação com o movimento das mulheres, se nota o rompimento das ideias discriminatórias e estigmatizadoras que os homens utilizavam para impedir que as mulheres participassem da vida pública no século XIX.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nos contos descritos, foram apresentadas princesas decididas que foram em busca de aventuras e fortunas, que enfrentaram seres sobrenaturais e que salvaram príncipes e irmãs de situações desfavoráveis, mostrando a coragem, a inteligência e a força feminina, características que geralmente não são evidenciadas nos personagens femininos dos contos tradicionais. Percebe-se que no contexto das narrativas há uma posição ideológica semelhante as que foram pautadas nas discussões do movimento feminista, especialmente

o da primeira onda no qual as mulheres buscavam liberdade, autonomia e condições de igualdade por meio do voto.

Essas ideias também podem ser notadas durante a leitura da coletânea de Phelps (2016) por meio dos registros dos contos feministas que apresentam mulheres emancipadas que decidiram sair dos espaços privados de castelos para participarem de outros ambientes. Além disso, entre as personagens femininas há uma que foi em busca de fortuna mostrando suas capacidades intelectuais e coragem, em referência à ação das mulheres na busca e conquista por educação e pela profissão entre outras igualdades jurídicas.

Este trabalho aponta para a possibilidade de se pensar na importância da mulher no desenvolvimento da sociedade de forma igualitária e respeitosa, uma vez que os contos feministas podem ser um recurso para ampliar as discussões acerca da posição do gênero feminino a partir do olhar que diferentes culturas têm da mulher.

Por meio deste estudo, espera-se contribuir para que as contações de história possam ter mais mulheres protagonistas e heroínas assim como se ver no campo da Educação e outras profissões e na política, embora essa representação ainda seja insuficiente. E os leitores e ouvintes das contações de histórias possam formar novas concepções acerca da mulher, desvinculando-as dos estigmas sociais impostos à imagem feminina por modelos de histórias que se baseiam, puramente em sistemas conservadores.

## REFERÊNCIAS

ANDRUETTO, M. T.; CACCIARRO, C. Por uma literatura sem adjetivos. São Paulo: Pulo do Gato, 2012.

ABRAMOVICH, F. Literatura infantil: gostosuras e bobices. São Paulo: Scipione, 1997.

BARBOSA, A. A Literatura Infantil e a construção da identidade feminina e masculina. In: V Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura, UFBA, Salvador, Bahia, Brasil, 2009. Disponível em: <<http://www.cult.ufba.br/enecult2009/19171.pdf>> Acesso em: 19 nov. 2018.

BETTELHEIM, B. A psicanálise dos contos de fadas. Trad. Arlene Caetano. 16 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

CANDIDO, A. O direito à literatura. In: Vários escritos. São Paulo: Duas Cidades/Ouro sobre Azul, 2011, p.171-193.

CORSO, D. L.; CORSO M. Fadas no divã. A psicanálise nas histórias infantis. Porto Alegre: Artmed, 2006.

HALL, S. A identidade na pós-modernidade. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 10 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

MONTEIRO, K. F.; GRUBBA, L. S. A luta das mulheres pelo espaço público na primeira onda do feminismo: de sufragettes às sufragistas. Direito e Desenvolvimento, v. 8, n. 2, p. 261-278, 2017.

PINTO, C. R. J. Feminismo, história e poder. In: Revista de Sociologia e Política, Curitiba, v. 18, n. 36, p. 15-23, Jun. 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rsocp/v18n36/03.pdf>>. Acesso em: 19 nov. 2018.

PHELPS, E. J. (Org.) Chapeuzinho Esfarrapado e outros contos feministas do folclore mundial. São Paulo: Seguinte, 2016.

PONDÉ, G. Releituras do feminino na literatura infantil. VIDYA, v. 19, n. 33, p. 9, 2015. Disponível em: <<https://periodicos.unifra.br/index.php/VIDYA/article/view/536/526>> Acesso em: 27 nov. 2018.

SISTO, C. Contando a gente acredita. SISTO, Celso. In: Textos e pretextos sobre a arte de contar histórias, v. 2, 2005. Disponível em: <<http://www.celsosisto.com/ensaios/Contando%20a%20gente%20acredita.pdf>> Acesso em: 27 nov. 2018.

SISTO, C. Contar histórias, uma arte maior. Memorial do Profiler: Joinville e resumos do Seminário de Estudos da Linguagem. Joinville, UNIVILLE, p. 39-41, 2007. Disponível em: <<http://www.celsosisto.com/ensaios/Contar%20Hist%C3%B3rias.pdf>> Acesso em: 27 nov. 2018.

SISTO, C. Textos e pretextos sobre a arte de contar histórias. 3. ed. Belo Horizonte: Aletria, 2012.

**Recebido em: 28/02/2020**  
**Aprovado em: 07/06/2020**  
**Publicado em: 20/11/2020**